

A visão Budista da Vida e da Morte

Lama Padma Samten

Bacupari – RS

23 de maio de 2021

<https://youtu.be/8LDJqIWaHiA>

Transcrição: Jade Luiza Carneiro

Nós vamos pra última parte do nosso retiro. Vou trazer um texto, uma parte do Surangama Sutra que estamos estudando nas terças e quintas. Agora tem uma linha temática desse sutra. Eu estou estudando até terminar. Então provavelmente vai demorar um bom tempo porque é um sutra longo. Mas ele é super importante. Junto com esse sutra também está postada a indicação dos vídeos do Khenpo Sodag Rinpoche que comenta e apresenta partes desse Sutra. Aqui tem uma parte que é uma conversa do rei Prasenajit que foi um dos benfeitores do Buda. Tá certo que o maior benfeitor foi o Buda em relação ao rei né. Mas quando diz respeito às condições do Samsara, o rei ajudou o Buda.

>>>>>>revisão

Então o rei estava um pouco, tinha umas questões como vocês vão ver que estão ligadas a vida e morte e o Buda dá um ensinamento que é como se fosse uma transmissão. Ele indica, como se fosse uma instrução piedosa pro rei com respeito ao que não morre.

Essa parte começa assim (pedi pra Carol Souza traduzir pra mim, ela traduziu de ontem pra hoje, então pra eu ter esse conforto aqui, não ficar escolhendo as palavras enquanto eu vou lendo, a Carol Souza que estava aqui conosco no retiro também).

O rei Prazenajit levantou se e disse ao Buda antes de ser visto pelo Buda encontrei catiaiana e vairatchiputra (que eram mestres daquele tempo, mas não eram mestres budistas, eram mestres da tradição hindu então o Buda conviveu com muitos grandes mestres de outras tradições e havia esses diálogos, esse encontro sobre diferentes visões). Ambos disseram que depois que esse corpo morre deixamos de existir e nos tornamos nada. Essa nulidade, essa ausência em si, é o que eles chamam de nirvana.

A Carol teve a delicadeza de deixar a palavra em inglês para essa nulidade que ela traduziu “nothingness” em si é o que eles chamam de nirvana, é como se eles fossem da doutrina do nada só que esse nada ele não é sabe que essa palavra em sânscrito existe “nada” N-A-D-A, assim mesmo, e essa palavra ela significa “nada”. Mas esse nada é uma ausência, não dá pra dizer nem que é um buraco, se fosse um buraco seria alguma coisa, é uma inexistência, então essa é uma possibilidade da gente considerar a vacuidade, considerar a vacuidade como uma inexistência, uma ausência. Então eles viviam dentro dessa perspectiva.

Essa nulidade em si é o que eles chamam de nirvana, agora, embora eu tenha encontrado o Buda, ainda tenho dúvidas que me deixe cauteloso. Como posso de fato reconhecer que a mente verdadeira é fundamental que nem vem a ser e nem perece. Como posso realizar a mente verdadeira, ou reconhecer a mente verdadeira e fundamental que nem vem a ser e nem perece.

Todos nessa grande assembleia cuja energia flutua que tem esse “auto flow” desejam ouvir a resposta.

Então aqui nós estamos nos defrontando com essa expressão “auto flow”. Esse ponto é interessante porque essencialmente representa a experiência de que nós olhamos para algo como, por exemplo, um tabuleiro, vamos voltar pro jogo de xadrez, nós estamos jogando xadrez que é um jogo mais complexo, estamos jogando, sempre vem alguém da uma olhada, pra uma pessoa dar uma olhada ela tem um “auto flow” ah e se fizer isso, fizer aquilo e fica dando palpite, isso é uma coisa que acontece. Então auto flow é justamente isso, a pessoa olha e aquilo brilha e ela produz uma sequência de originação dependente ela vê uma certa direção mas a energia como acompanha, não é uma energia que flutua, pode ser isso, pode ser aquilo, não, tem uma energia que aparece, uma coisa meio italiana, esse é o “auto flow”, tem uma sequência, uma sequência cognitiva e de energia junto então “*todos nessa grande assembleia cuja energia flutua desejam ouvir a resposta*”.

Então Buda disse ao rei:

-Se me permite perguntar o seu corpo é indestrutível como Vajra ou esta sujeito à deterioração?

- Honrado dos mundos esse meu corpo seguira mudando ate o fim perecerá.

Buda falou:

Vossa majestade ainda não pereceu como pode saber se isso vai acontecer que perecerá

Honrado dos mundos, meu corpo é impermanente, esta sujeito à deterioração, embora ainda não tenha perecido, mas agora refletindo posso ver que cada um dos meus pensamentos ele vem e desaparece (então agora ele começa a relatar isso, essa experiência que depois o Buda vai pegar) que é o fato de que os pensamentos vêm e vão e é seguido por um novo pensamento que também não perdura como o fogo se transformando em cinzas, constantemente morrendo, para sempre perecendo. Por meio disso, ou seja, pela contemplação dessa impermanência ele vê que o corpo dele por meio disso ficou convencido de que meu corpo também deve vir a parecer.

Como nos olhamos e o nosso corpo também vai se renovando e vai sofrendo deterioração ao final deve vir a perecer.

O Buda diz

- Assim é majestade, você está nos seus anos de decadência - e o Buda confirmou - Como você se parece agora em comparação de quando era um garoto?

- Honrado dos mundos, quando eu era criança minha pele era fresca e macia. Eu era repleto de energia vital na juventude, mas agora meus anos finais com a pressão da idade avançada meu corpo definhou e esta cansado, minhas energias vitais. (A Carol colocou a palavra que eles usaram que é muito apropriada, “vital spirits”, que é a energia vital. Não sei se tem só no inglês ou se eles puxaram do latim), minhas energias vitais estão embotadas, meu cabelo ficou branco e minha pele enrugou não me resta muito tempo. Como isso poderia se comparar a flor da juventude?

Aqui o mestre **shuan ruan** comenta:

O rei chegou ao ponto em que seu corpo já não o ajuda, ele oprime e resmunga para se mover para outro lugar, em breve se tornara inabitável, e aí o Buda fala:

Majestade, aparência de seu corpo não pode ter se deteriorado subitamente, o rei respondeu:

Honrado dos mundos, de fato!

Então na verdade o Buda vai convergir para mostrar para o rei o que não decai quando tudo decai, esse é o ponto.

Então ele está com essa conversa pra ver se o rei traz, está vendo alguma coisa pra que ele possa apontar.

O rei respondeu

Honrado dos mundos, de fato! A mudança foi tão sutil que praticamente não a percebi. Cheguei a esse ponto gradualmente através do passar dos anos, desse modo, aos vinte e poucos eu ainda era jovem, mas já parecia mais velho do que quando tinha 10 anos. Os trinta anos assinalaram um declínio ainda maior em comparação aos vinte, e a agora, aos 62 anos eu vejo os cinquenta e poucos como uma época de força e saúde.

Honrado dos mundos, ao observar essas transformações sutis, percebo agora que as mudanças forjadas pela decida pela direção a morte são evidentes. Não apenas a cada década, mas podem também ser discernidas em incrementos menores, considerando mais atentamente, podemos ver que as mudanças ocorrem ano após ano, assim como a cada década. Na verdade, como elas poderiam ocorrer apenas de ano em ano, essas mudanças ocorrem todo mês, como poderia ocorrer somente de mês em mês, elas acontecem dia a dia e se contemplamos profundamente, podemos ver que a mudanças ininterruptas de momento a momento em cada pensamento sucessível, desse modo posso saber que meu corpo seguirá se transformando até perecer.

O Buda disse ao rei

Observando tais mudanças, essas transformações incessantes você sabe que devera perecer, mas também sabe que quando perece algo em você não perece como você. Juntando as mãos o rei Prazenajit respondeu ao Buda: de fato, não sei!

O Buda disse:

Agora revelarei aquilo que não vem a ser, que não surge e não perece, majestade, na primeira vez em que vi o rio Ganges qual era sua idade?

O rei respondeu

Tinha três anos quando minha amada mãe me levou para prestar homenagem à deusa Shiva. Quando passamos por um rio soube que tratava do Ganges.

Buda falou: majestade, você disse que aos 20 e poucos anos já havia envelhecido em comparação de quando tinha dez, ano após ano, mês após mês, dia após dia, em cada pensamento sucessível, ocorreram mudanças até você alcançar os 60 anos. Considere isso, no entanto, quando tinha três anos você viu o rio, dez anos mais tarde aos 13, como era o rio?

O rei respondeu:

Parecia igual, tanto aos treze quanto aos três anos e mesmo agora que tenho 62 ele permanece o mesmo.

O Buda disse:

Agora você está pesaroso porque seu cabelo está branco e sua face enrugada, seu rosto certamente tem mais rugas do que tinha na juventude, mas quando você olha o Ganges sua consciência visual de algum modo difere da consciência visual de quando o viu na sua infância?

Então aqui a consciência visual é um tema que o rei já tinha que ter refletido antes, porque, por exemplo, uma coisa é nós olharmos, outra coisa é nos olharmos e vermos que tem uma mente, uma consciência associada aos olhos que reconhece que está aí, eu acho mais difícil ainda reconhecer o aspecto luminoso relacionado a consciência visual, por exemplo quando a gente olha, seja o que for, como por exemplo o templo, agente olha aqui e diz "bom essa é a sala de meditação"

ai eu penso que isso vem pelo órgão visual e pelo cérebro, alguma coisa assim, mas ai eu sou obrigado a entender que o templo é uma categoria que não vem da percepção visual, mas da mente associada aos olhos então eu vou chamar isso de consciência visual, porque essa consciência é luminosa, aqui só tem parede e tinta e eu vejo o templo, isso fica mais evidente se por exemplo eu pegar uma foto, olhar no papel impresso e dizer “sim! O templo”, ai fica clara a consciência visual, ou seja, o fato de que a luz que atinge os olhos, ela vai ser elaborada pela consciência visual e vai produzir um objeto, esse objeto eu vejo, como por exemplo o templo.

Então por exemplo, nós vemos muitas fotos de criança, mas de repente a gente identifica os nossos filhos, então aquilo tudo é foto de criança, mas eu tô vendo alguma coisa a mais, a consciência visual ela tá produzindo ali onde tudo são fotos impressas, eu tenho papel e toner, ela produz uma sensação que inclui uma emoção também.

Então todo esse processo ele é produzido pela consciência visual, que esta associada ao aspecto luminoso da realidade, ela produz a realidade luminosa, a realidade é luminosa e é a mesma consciência que vai produzir às imagens de sonho a noite.

Então a consciência luminosa ela pode variar as coisas, as coisas vão variando, mas a ação da consciência visual ela não se altera, ela segue, não cria rugas, então esse é o argumento do Buda.

Então Buda disse: Agora você está pesaroso porque seu cabelo esta branco e sua face enrugada, seu rosto certamente temais rugas do que tinha na juventude, mas quando você olha o Ganges sua consciência visual de algum modo difere da consciência visual de quando o viu na sua infância?

O rei respondeu: não é diferente honrado dos mundos.

Buda falou

Vossa majestade, sua face tem rugas, mas a natureza essencial de sua consciência visual não enrugou.

Então esse é um ponto como se a gente tivesse agora que parar tudo e contemplar. Ele dentro do Surangama Sutra ele vai sair da consciência visual e vai explorar todas as consciências e vai olhar a consciência discriminativa e vai olhar uma por uma delas e vai ver que todas elas estão vivas, luminosas e não se alteram. O conteúdo pode se alterar, mas a operação delas não se altera, nem de dia, nem de noite nem em nenhum estado do bardo ela se altera, elas continuam.

Então quando nos estamos, por exemplo, tentando escapar do Samsara de modo geral estamos tentando escapar de uma aparência tentando colocar em outra aparência que é, vamos dizer assim, a transmigração, estamos tentando sair de uma experiência pra outra, mas a gente não se da conta de que o princípio ativo que produz as múltiplas experiências ele não muda, ele é o aspecto mais profundo em nos que é enfim a clara luz filho, mais adiante a gente vai identificar a clara luz filho com a clara luz mãe.

Então, como a gente vai escapar do Samsara pessoal, nos vamos escapar do Samsara, só identificando a clara luz, não tem outro jeito, que é aquilo que não flutua nas múltiplas experiências.

O aspecto do ensinamento nos sutras é uma descrição, um ensinamento do tantra, os textos tântricos, como esse do Surangama, ele nos remete pra própria experiência pra gente olhar dentro da experiência e ver aquilo, a experiência comum tem o rei olhando o rio não está, ai o Buda pega aquilo como instrução piedosa e mostra que não desaparece quando as operações se dão.

Pra nos é muito importante pra que a gente entenda isso, tome isso como uma instrução piedosa e pratique desse modo né, aí nos vamos reconhecer que esse aspecto claro, sim! Eu não tenho que fugir das múltiplas experiências, eu tenho que olhar dentro delas e ver o aspecto luminoso que produz isso e reconhecer esse aspecto luminoso como incessantemente presente.

Ai enquanto nos reconhecemos o aspecto luminoso incessantemente presente eu termino descobrindo o aspecto luminoso da sabedoria primordial que reconhece isso e estou incessantemente presente então eu não só produzo a luminosidade, mas tenho uma atenção que reconhece e discrimina incessantemente presente. Ela está lá, então ela também não envelhece e nos vamos, como a gente diz, iluminação da sabedoria primordial, estamos indo em direção a isso, e o reconhecimento da sabedoria primordial que é o tema central do Surangama sutra.

Então o Buda falou

Vossa majestade, sua face tem rugas, mas a natureza essencial de sua consciência visual não enrugou. O que enruga está sujeito à mudança, a consciência visual não, ela está sempre operando. O que não enruga não muda o que muda perecerá, mas o que não muda nem vem a ser e nem perece, portanto como poderia ser afetado pelo seu nascimento e morte?

Assim, você não precisa se preocupar com o que as pessoas como Bascarie, Gpzaliputra dizem que quando seu corpo morre você deixa de existir. O rei acreditou nas palavras que havia escutado e entendeu que quando deixamos esse corpo seguimos para outro e ele e todos os outros da grande assembleia ficou inquerido uma nova compreensão.

Então esse era o texto que eu queria trazer do Surangama que traz esse exemplo.

E eu vou agora relembrar os seis selos que são essencialmente o caminho para o reconhecimento de Darmata, então quando nos vamos olhando a consciência visual nos reconheceu isso como a mente primordial e vamos reconhecer isso dialoga perfeitamente com os seis selos né.

Entao por exemplo, aí o rei olha o rio né, aí nos temos o primeiro dos seis selos.

De as aparências o selo da vacuidade.

Entao pra gente poder reconhecer que ha de fato, a consciência visual é incessantemente presente a gente tem que entende-la. Pra poder entender isso a gente tem que reconhecer o primeiro selo. As aparências são vacuidade. Então quando a gente reconhece que as aparências são vacuidade a gente vai reconhecer que aquela agua se deslocando, aquela terra, aquele leito de rio, aquilo tudo se deslocando, pra alguns seres eles não veem o rio, eles vivem dentro do rio, eles não tem uma sensação de que exista algo, eles simplesmente vivem ali dentro, então essa consciência de que há um longo percurso e aquela agua fluindo desde as nascentes ate o mar, isso é uma consciência especifica, mas a pessoa pode ter uma relação íntima com aquela agua sem criar a noção de um rio, sem criar a aparência, a sensação de um rio, então com isso a gente retira o rio do rio e assim a gente pergunta “mas então como o rio surge, como o rio pode aparecer?” O rio aparece desde a vacuidade, então eu tenho uma liberdade na mente, e olhando as coisas eu posso reconhecer aquilo, eu posso denominar, eu posso também estabelecer uma relação com aquela aparência que agora eu vejo. Mas essa aparência, ela está ligada inevitavelmente com a bolha, com a sensação de identidade, com a sensação de proposito, com a causalidade etc...

Como a gente estudou nos oito pontos do Prajnaparamita, então a noção do rio ela surge assim, mas nos simplesmente olhando, a gente passa a ver, como os outros objetos todos, como os múltiplos exemplos que o Buda traz então a pessoa junta rodas, vara, chapa, junta aquilo tudo e chama de carreta, ela não está mais olhando as peças que ela trouxe, mas quando ela olha aquele conjunto de peças ela sorri e vê a carreta andando e vê a carreta. Então a carreta é uma construção adicional as varias partes que que ela tinha que foram trazidas, que são aquilo que a pessoa nomeou, ela colocou tudo junto e aí viu a carreta, então a carreta, ela brota dessa consciência, visual que olha e vê a carreta, mas se a consciência forçar um pouquinho ela diz “eu vejo a roda,

eu vejo a vara, eu vejo a chapa, eu vejo parte por parte” ela pode dizer isso, mas agora ela chama aquilo tudo de algo mais, como “carreta”.

Então essa capacidade de produzir de modo não dual com o próprio observador produzir a aparências é o que nos permite dizer que

As aparências tão seladas pela vacuidade e a vacuidade e luminosidade selam as aparências

Então nos reconhecemos esse aspecto não dual.

Ai o terceiro selo é a

Não dualidade de aparência e vacuidade

Então a gente reconhece efetivamente esse aspecto, a não dualidade de aparência e vacuidade, ai essa não dualidade ela é selada com a grande bem aventura, então essa experiência é uma experiência de abertura porque ela nos permite penetrar na multiplicidade das aparências revelando um princípio único que atua em todas elas. E aqui, quando vemos isso, vemos essa grande bem aventura, com essa experiência de grande bem aventura junto com o reconhecimento dessa não dualidade, é que não está descrito, mas nos estamos manifestando a sabedoria primordial, a sabedoria que reconhece isso, e a sabedoria primordial está associado a grande bem aventura, ai essa grande bem aventura ela está selada, portanto, pelo que? Pela sabedoria primordial, ela esta selada com ausência de referenciais construídos de quando nos olhamos à aparência, porque as aparências surgem como tal a partir de referenciais com que a mente esta operando, mas aqui nos não temos referenciais, por isso nos podemos reconhecer a gênese do surgimento das próprias aparências, então essa grande bem aventura ela está diretamente associada com a ausência de referenciais, que aqui se coloca com a ausência de pensamentos, e essa ausência de pensamento essa condição incessantemente presente de onde brota as visões e brota a sabedoria também, ela está incessantemente presente, então esse aspecto incessantemente presente sem conteúdo vai ser o sexto selo que é

O imutável Darmata

Então é esse ponto incessantemente presente, isso vai ser chamado dentro do Surangama sutra de seio do Tatágata, seja no sentido ambiente, o lugar do Tatágata, o conteúdo do Tatágata, o núcleo que envolve o Tatágata, o Buda.

Então, a partir da consciência visual que produz então a aparência, o Buda está apontando aquilo que está incessantemente presente, que no caso se manifesta por dentro da consciência visual, então aqui a gente olhou os seis selos.

Agora o Guru Rinpoche, quando ele vai trabalhar esse tema dos cinco bardos, ou seis bardos, ele vai dar que instrução? Qual instrução ele dá para nos superarmos o sofrimento de cada um dos cinco bardos, ele vai dizer que o bardo da vida, ele vai ser superado, a ignorância relativa ao bardo da vida e a liberação da ignorância durante o bardo da vida se tornam possíveis pelo reconhecimento de Darmata.

Então, se durante o bardo dessa vida nos reconhecer Darmata, nos atingimos o objetivo, mas aqui não é o reconhecimento de Darmata como uma categoria discriminativa, é o reconhecimento de Darmata enquanto a transição para a mandala correspondente no qual a ação se dá desse modo, porque se eu me mantiver dentro do Samsara e explicar o que é Darmata, se eu me mantiver dentro de uma bolha e explicar o que é Darmata eu não consigo, eu não tô com a experiência efetiva, mas é possível, até mesmo uma folha de papel pode explicar isso, mas não há ali a realização, a realização significa a operação da mente a partir da mandala.

Se nós tivermos dentro da bolha isso não se resolve, então a nossa prática, a prática da realização significa, ela converge para nós podermos manifestar os ensinamentos desde as mandalas. Essencialmente nós fazemos prática pra sair da compreensão como ela foi apresentada, que ela é apresentada do lugar onde nos estamos, onde nós estamos? Nas bolhas. E manifestar

essa compreensão que surge na mente ordinária, a mente discursiva e nos podermos mudar não a compreensão, mas a base segundo qual a compreensão se dá. Por isso que por vezes a gente lembra os ensinamentos, mas às vezes passam anos até que a gente diga “uauuuuu” aí a pessoa passa a ver aquilo desde a base que foi enunciada.

Então o Buda, ele vai dizer que durante o bardo dessa vida, o ponto central, é reconhecer a esfera absoluta, reconhecer Darmata.

Na meditação, quando uma pessoa tiver no bardo da meditação o que que ela faz? No bardo da meditação ela deveria reconhecer Darmata como a essência da experiência da própria meditação.

Quando a pessoa tiver no bardo do sonho e o fluxo mental brotar livre, no meio do sonho o que a pessoa deveria fazer? Ela deveria reconhecer Darmata, reconhecer a esfera absoluta no bardo do sonho.

E quando a pessoa tiver no bardo da vida e da morte, ou ela surge pra vida no corpo ou quando ela cessa a vida do corpo, o que ela deveria fazer? Ela deveria reconhecer aquilo que não nasce e não morre, deveria conhecer a esfera absoluta Darmata que este ali presente naquela experiência, diretamente presente, só que ela não é a aparência do Samsara, ela é aquilo que produz a multiplicidade das aparências.

E quando a pessoa tiver a proximidade do bardo do vir a ser, ou seja, ela vai se transformar em alguma coisa, a identidade vai surgir de algum modo, ela vai se manifestar no meio daquilo, o que ela deveria fazer? Deveria reconhecer Darmata, reconhecer aquilo que não surge e não cessa.

Então seja onde for, é como se aqui guru Rinpoche tivesse apresentando essa experiência da grande abertura, diante de qualquer tipo de experiência condicionada que nos tivermos a gente não abandona a experiência condicionada, não rejeita, buscando outra experiência condicionada, a gente reconhece como aquela experiência condicionada está manifestando através da consciência condicionada está manifestando o aspecto luminoso das realidades, como a experiência condicionada que está produzindo aquilo ela é uma expressão luminosa que vai produzindo a luminosidade das aparências e então a gente toma o fenômeno mesmo do surgimento reconhecendo o aspecto luminoso daquilo e então reconhece que na base se troca uma experiência pra outra, a mesma coisa está acontecendo, se trocar pra outra, é a mesma coisa, é sempre a ação luminosa dessa base incessantemente presente.

Aí a pessoa sorri e se libera daquela experiência, mas ela não se libera porque ela rejeita, porque ela abandona, mas ela ilumina aquela experiência.

Então essa mente que é capaz de iluminar essas múltiplas experiências a partir do reconhecimento de Darmata, essa mente é a mente da nossa prática. E isso que vamos chamar de não meditação, é isso que vamos utilizar incessantemente, no bardo dessa vida a gente tem a grande vantagem de poder ler o texto, poder lembrar, poder fazer as práticas e quando se esquecer da gente é lembrado de novo e de novo, a gente acessa os ensinamentos. Então nós estamos nesse tempo, a gente está nessa condição.

Aí guru Rinpoche vai dizer e Sogyal vai lembrar que durante o bardo dessa vida, devemos reconhecer a esfera absoluta, como uma criança perdida reencontrando sua mãe. Quando nós tivermos durante o bardo do Samadhi, ou seja, no bardo da meditação nós devemos esclarecer o que não estiver claro ao reconhecer a natureza de Darmata, como uma garota vaidosa olhando para o espelho, reconhecendo em si mesma essas qualidades, as qualidades estão ali.

Durante o bardo do sonho, tudo que está aparecendo é a manifestação do carma direto, então as tendências habituais que estão aparecendo como as imagens que estão diante de nós deveriam ser reconhecidas como expressões luminosas de Darmata como o fluxo de um rio.

Ou seja, o tempo todo, tudo que vai aparecendo à gente vai reconhecendo desse modo e durante o bardo de nascimento e morte, quando nos tivermos perdido então a clareza por um processo de obtusidade, um processo de desmaio dentro de uma consciência não lúcida nós deveríamos como quem reconecta, relembra, nos deveríamos de novo acessar e reconhecer diretamente a natureza de Darmata.

E durante as circunstâncias do bardo do vir a ser, quando nos estivermos fazendo projetos nos preparando pra transmigração, nos deveríamos conectar com esse carma residual que está nos impulsionando para outras direções colocando energia e cognição e originação dependente em outras direções, construindo outros mundos luminosos, a gente deveria reconhecer isso diretamente como a manifestação de Darmata como ascender uma lâmpada em um quarto escuro. Então nos estamos naquele quarto escuro planejando e de repente vem uma lâmpada e eu digo “uau, é a mesma coisa que estou fazendo desde tempos sem início”.

Então esse é o ensinamento de guru Rinpoche sobre os seis bardos, os cinco bardos e também sobre os seis bardos como Dudjong Rinpoche explicou, então, a parte dos ensinamentos eu conclui e eu vou ficar a disposição pra alguma pergunta que tem.

Perguntas

- A pergunta é sobre a sexta e sétima consciência, a sexta consciência embora não dependa de um corpo, ela se manifesta por meio do corpo e a sétima consciência ela não depende muito de um corpo pelo que eu tô entendendo. A gente poderia diferenciar a sexta da sétima consciência por meio dos doze elos como a consciência que surge no terceiro elo e a identidade que surge no decimo?

Eu acho que no terceiro elo não tem os órgãos físicos ainda, então a sexta consciência está associada aos órgãos físicos, e a sétima consciência ela é, eu teria a tendência de dizer que ela é quando vai o 11 elo, é que no decimo elo, ela surge, mas surge aquela sensação de unidade, ou seja de pensamento associado aos vários, as várias experiências, mas eu, vamos dizer assim, tem que raciocinar assim, se o terceiro elo tem uma consciência de um eu, acho que a gente pode dizer que o terceiro elo tem uma consciência de um eu a partir da ligação com as várias marcas mentais de Alaya Vijnana, acho que é possível dizer isso, então a gente tem a oitava consciência que vai gerar tudo que é essencialmente Alaya Vijnana, dela brota a identidade, dessa identidade brota, junto com as cinco consciência dos sentidos físicos brota a sexta que lida com isso, e aí a sétima consciência se infiltra junto da sexta.

- Então essa sétima consciência que surge antes dos órgãos dos sentidos e da sexta que continua de uma vida pra outra?

É essa consciência ela segue, mas as consciências visuais, etc. ela segue também, porque elas são um nível sutil né e também a sexta consciência ela segue, porque o que se dá, elas não operam num sentido grosseiro, porque os órgãos não estão operando, mas as consciências elas operam, elas produzem imagens luminosas e lidam com essas imagens.

- a sexta consciência, se, por exemplo, um animal a sexta consciência surge de acordo com as capacidades percebidas pelos sentidos dos animais, os humanos essa sexta consciência surge relacionada ao corpo humano e assim todos os reinos, já a sétima

consciência ela não está vinculada ao corpo, então ela não é humana, animal... Então daí que seria possível a gente transmigrar de reino por reino.

Eu acho que assim, é justo né? Essa sétima consciência ela está ligada a experiência associada às categorias onde nos tivermos em Alaya Vijnana, então estamos vendo essas categorias e elas produzem então essa sétima consciência, que é a consciência de uma inteligência operando, uma identidade operando ali por dentro. É isso mesmo e é então, os seres não são propriamente humanos, é isso...

-Lama, minha pergunta é em relação ao Surangama, porque no trecho sobre a localização da mente, as metáforas todas utilizadas correlacionam a avydia, a capacidade visual, porque, por exemplo, a investigação sobre se a mente esta no corpo não é pautada pelo sentido do tato, por exemplo.

Ele vai trabalhar o sentido visual no início, porque é o que afetou Ananda, mas ele vai trabalhar todos os outros sentidos, muito outros exemplos depois ne.

Nesses últimos três meses, acompanhei o processo de morte do meu pai, me senti completamente despreparada, você falou que morrer em vida pode ajudar a se preparar pra morte física, poderia dar exemplos disso? Como posso morrer em vida?

O ponto é melhor tirar o aspecto morte assim ne, mas seria essa morte é reconhecer que ela já ocorreu na sua vida varias vezes, então o bebe morreu ne, e na medida em que tu foste tentou outras experiências, a menina pequena morreu e ai ela deu lugar a uma pré-adolescente, que deu lugar a uma adolescente e ela foi indo que deu lugar a uma pessoa adulta, e ai essas etapas elas são etapas de reconhecimento de mundo, a forma como reconhecemos o mundo, as nossas prioridades, a forma como nós aspiramos e atuamos com a nossa mente, com as nossas emoções, as nossas relações, a forma como as relações se estabelecem, enfim a nossa vida, os lugares onde nos andamos, eles mudam, então nos seguramente já transmigramos varias vezes durante essa mesma vida, e eu vejo que cada vez que a gente transmigrou, a gente sente que aquela vida esta morrendo e vamos precisar ir para outro lugar, a pessoa começa a ficar aflita, a pessoa começa a pensar como que ela pode sair daquilo e ir para outro lugar, então ela começa a preparar aquilo, de repente se abre uma oportunidade, a pessoa ela corre naquela direção ne, então nos já fizemos isso varias vezes, assim é importante a gente entender esse ponto, então, se a gente fez isso varias vezes, isso significa que a gente nunca foi de fato, aquela identidade. Nós temos uma base, uma base luminosa, livre que nos permite surgir de vários modos numa mesma vida, escancaradamente. Então como a gente surge numa mesma vida de diferentes modos, o que eu sugiro morrer em vida, é a gente se dar conta numa mesma vida que nos não somos nenhuma daquelas identidades, aquelas identidades morrem. E nos passamos a viver a partir de um reconhecimento, de uma base incessantemente presente que não nasce e não morre, quando as variam identidades nascem e morre, então essa morte é a morte bem vida, é a melhor morte, é melhor morrer isso antes de morrer fisicamente. Pra gente estar preparado. Quem não morreu antes de morrer vai ter problemas, vai ter que morrer duas vezes ali, no meio daquilo não vai ser fácil. Entao essa morte em vida significa esse reconhecimento né, o aspecto fake da realidade, nos somos capazes de criar um aspecto fake pra realidade, a realidade é fake, mas o criador da realidade fake ele segue. Esse é ponto. Nós somos o que produz essa realidade e esse produtor ele não envelhece, ele não se altera, ele esta incessantemente presente. Entao a gente precisaria contemplar isso, esse é o aspecto absoluto, a gente precisaria contemplar esse aspecto, é isso.

-O lama falou hoje e sábado sobre percepção solida da vacuidade que levam aos Ydams na meditação, pode ocorrer esse obstáculo no bardo do sonho, como por exemplo, estar lucido no sonho, atravessar uma parede e então ficar preso dentro dessa parede, isso se da, devido a essa solidez da realidade? Como transpor definitivamente esse obstáculo?

Claudio Ferreira de Viamão.

É que quando a pessoa atravessa essa parede, aparece o carma, hehehe a parede estava gelatinosa, mas quando apareceu o carma a parede apareceu aquilo de atravessar a parede deve ser rápido, pode dar um problema ne, é mais ou menos isso, porque nos estamos vendo a realidade toda, como eu vou dizer luminosa. Mas enquanto a gente passeia pra essa realidade luminosa pode ser que a gente encontre uma secção de carma onde aquilo não pareça luminoso, e aí nós nos assustamos, é sempre isso, sempre esse o ponto. Então mesmo os praticantes, eles estão, a mente vai ficando mais aberta, mais aberta e começam a passear, por dentro de Alaya Vijnana, de repente eles encontram uma secção de Alaya Vijnana que parece muito sólida, aí eles tem dificuldade, aí eles tem dificuldade de ultrapassar aquilo, por exemplo, uma forma de entrar quando começa se solidifica. Hehehe

Primeira coisa que a pessoa pensa ela, “aah”, então ela diz, isso eu tô vendo isso desse modo assustador e tenho medo disso, eu não quero isso, e isso, eu não tô gostando nada, eu reconheço que tudo isso é vacuidade, mas eu reconheço agora que tem um carma que está produzindo isso em mim. Aí repentinamente surge o mim e o carma, aí aquele carma ele justifica aquilo que está acontecendo, aí a pessoa diz, bom ainda que haja vacuidade, há esse carma, havendo esse carma, como eu me livro disso (respiração ofegante) eu vou tentar sair fora disso, porque essa região eu não tô conseguindo entrar, aí quando ela vai sair, não está conseguindo sair, já tô com o pé preso aí dentro. Aí é ruim hehehe... Aí a pessoa precisaria relaxar aí dentro, e dizer “ok carma” então faça o que tem que fazer desafiando, pagar pra ver. Aí o carma fica meio sem jeito porque ele não tem solidez. Então se nos reconhecermos que tudo isso vai ser uma manifestação da luminosidade da mente produzindo aparências, se a gente tiver não tentar fugir daquilo, não fugir, mas reconhecer o aspecto luminoso de tudo aquilo e de todos os sofrimentos e de todos os cantos dos infernos e aflições, a pessoa reconhecer no meio de experiência de aflição ela diz “olha, isso se dá assim” aí ela não está mais na experiência de aflição. Ela está na experiência de lucidez diante das aflições, aí a prede volta a ficar fluida e ela se liberta. Esse é o ponto, então não é lutando contra as aparências, é no momento que a gente lutou contra a aparência ela ficou sólida, e elas ficam sólidas.

-marcos figueira de são Lourenço

O que é Darmakaia Phowa, na meditação é transferência de consciência? E também sobre transferência de consciência, pergunta da Aninha de Petrópolis, o que é preciso pra receber a transmissão de prática de transferência de consciência?

A transferência de consciência é alguma coisa que acontece o tempo todo né, por exemplo, quando a pessoa está em sofrimento na meditação, aí vem Kiowsako, bateu na pessoa, ela oferece o outro lado, pum, bateu, ela está zerada, ela está super bem, energia voltou, não só dela, como a primeira pessoa do lado tbm, a pessoa “eu tô super bem, não tem nada aqui” o mestre eu tô bem olha como eu tô, a sala inteira está todo mundo com o olho bem aberto, isso é transferência de consciência, então está todo mundo com a consciência meio assim, aí pá, pronto aquilo da uma geral, ficou tudo perfeito, maravilhoso, então a transferência de consciência é aquele ponto, a base muda, aquilo tchun, mas aqui no momento da morte, nos estamos olhando a transferência de consciência para a terra pura, então esse é o ponto, se a pessoa não tiver um vislumbre da terra pura, essa transferência de consciência é essencialmente impossível, porque é como se a pessoa tivesse, ela passasse, mesmo se a consciência ela seja induzida a mudar, a pessoa passa por aquilo sem ver, aquilo fica transparente porque a pessoa não tem mérito pra reconhecer, então a transferência de consciência, a gente tem que trabalhar ela antes, e esse trabalho é reconhecer os seis selos, quem trabalhar linha por linha.

“de as aparências o selo de vacuidade” então vai lá pro Prajnaparamita, o sutra do diamante, do Surangama sutra e vai olhar os múltiplos exemplos, através desses múltiplos exemplos a pessoa pode desenvolver então a capacidade de transitar para essa consciência clara de luminosidade e vacuidade das coisas. Então não basta à pessoa, por exemplo, ela terra prática de Phowa ela se transferir pra terra pura de Amitaba, porque mesmo que ela desenvolva uma apreciação de Amitaba,

ela tenha fé em Amitaba, então essa fé em Amitaba, ela é uma experiência que não cabe dentro do Samsara, então a pessoa quando ela diz “pee” e ela transfere a consciência, se ela morrer desse modo, ela se conecta com a experiência máxima que ela teve que foi uma experiência de fé em Amitaba, mas ela tem a sensação separativa, ela tem todas as coisas, a partir disso, ela ressurgue com o fluxo mental dela no bardo da morte, na conexão de fé em Amitaba, isso é maravilhoso, se ela consegue, mas ela tem uma visão embrionária de Amitaba, ela tem uma visão samsarica de Amitaba, ela não consegue reconhecer, é como se fosse um ser externo a ela, que ela tem devoção, NE. Então essa experiência pode desvanecer, pode cessar, mas melhor quando essa experiência, naquela condição, ela amadurece por outras raízes de mérito que ela tenha desenvolvida na conexão com Amitaba, ela consegue ver e acessar esses aspectos extraordinários né. Melhor se a pessoa conseguiu trabalhar os seis selos, conseguiu trabalhar o Prajnaparamita, conseguiu trabalhar o sutra do diamante, trabalhar os ensinamentos todos de susjon limpa, Dudjong | Rinpoche tiver reconhecido os ensinamentos da iluminação da sabedoria primordial e toda essa classe de ensinamentos NE, ela tiver acessado isso. Se ela tiver alguma realização nisso, a prática de transferência de consciência pra uma terra pura de Amitaba, ela tenha uma base pra depois ela poder ir desenvolvendo e amadurecendo, então isso vai acontecendo. Então o melhor é praticar imediatamente assim, praticar Shamata, praticar metabhavana, praticar Prajnaparamita, praticar Khayagatasaty, Sathipatana, Anapanasathi, Surangama Sutra, como a gente está olhando agora né, detalhadamente todos esses exemplos que conduzem a essa visão.

[Pergunta do Ives, de Joinville].

O lama falou muito sobre dissolução dos elementos no processo de morrer, ao modo natural, poderia falar de como é e se teria alguma diferença numa morte num acidente inesperado e alguém com a energia plena?

É a mesma coisa, por exemplo, a pessoa tem um acidente, leva uma batida muito forte, o elemento terra entra em colapso, a pessoa não tem mais força pra levantar, isso é a dissolução do elemento terra, ela não tem como se mover, dissolução do elemento água, o corpo esfria, dissolução do elemento fogo, a respiração para, dissolução do elemento ar, a mente se confunde, ela borra, dissolução do elemento éter, então é a mesma coisa, a morte é a morte. Ela pode ser mais rápida, se a pessoa está morrendo de uma forma mais gradual ela consegue se dar conta disso, mas se ela está morrendo em um acidente, de modo súbito, as mesmas etapas, elas acontecem, mas a pessoa pode não se dar conta, não ter esse tempo pra se dar conta disso.

Duas perguntas parecidas, uma do Júlio, de Florianópolis. Com relação aos falecidos há alguns anos, ainda seria apropriado oferecer méritos, já que eles podem ter renascido?

E outra parecida é marta de viamao. Até quanto tempo depois da morte de uma pessoa é auspicioso praticar em benefício dela? 21,49 ou mais dias?

É assim, como a gente está vendo pela instrução de Dudjong Rinpoche, em 21 dias esses seres eles esquecem o ambiente anterior né, em 21 dias é como se a memória, no sentido de eles tomarem aquilo como referência as experiências da vida anterior, ela se esgota em três semanas, e assim, esse é o período mais importante pra prática, mas ele mesmo recomenda que a gente siga fazendo práticas até 49 dias, então, esses 49 dias, eles são o tempo em que a mente se encaminha para um novo renascimento, que pode ser em corpo grosseiro, ou pode ser um renascimento em algum dos reinos, aonde são corpos sutis. Então esse é até um diálogo com os espíritos, então pode acontecer da pessoa, ela tomar uma direção num plano onde os seres não estão manifestando um corpo grosseiro como nos estamos descrevendo, mas haver esse renascimento. Então eu vejo que pode ocorrer de fato esse tipo de situação assim né, e pode acontecer que os seres mantenham esse tipo de consciência por um tempo longo e eles não renasçam no reino humano, eles não venham, mas eles mantenham uma consciência com uma lembrança da vida anterior estimulada por um processo cármico né, então nesse caso, as práticas, por um mais longo tempo, as práticas por um tempo indeterminado elas poderiam ser favoráveis, por outro lado, se essas práticas seguem, elas podem beneficiar as próprias pessoas que tiveram relação com aquela pessoa na vida anterior, então me parece assim muito apropriado de tanto em tanto que a pessoa lembre-se

da pessoa já falecida, tenha bons pensamentos e pratique algo associado, dedique suas praticas, e dedique também metabhavana em relação a essa pessoa. Porque como vocês viram aqui, não são seres concretos, são seres luminosos sempre, mesmo durante a vida e nos não vivemos os seres não vivem separados, eles completamente vivem inter-relacionadas, então pessoas que já morreram, o aspecto luminoso daquela presença ele segue existindo, então esse aspecto luminoso ele pode ser trabalhado, ele pode seguir produzindo obstáculos, ou benefícios, então é adequado que a gente purifique esse aspecto luminoso que eles surgem como se fossem lembranças, mas essas lembranças elas movem energia, então é como se fossem verdadeira, então é muito útil que a gente olhe essas manifestações dedicando as nossas praticas aos antepassados e dedicando as nossas praticas como metabhavana a esses seres, assim nos purificamos as nossas vidas e nos vivemos melhor também.

Pergunta de Marcelo Rupert, de Curitiba.

Lama hoje um grande numero de pessoas se aproximam da morte com um obstáculo cognitivo causado pela demência, Alzheimer e outros, como ajuda-los no bardo?

O aspecto luminoso da mente deles segue intacto, eles estão com problemas nos órgãos físicos associados a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, então eles começam a ter uma perturbação nisso que induz uma perturbação associada à sexta consciência e eles não tem o suporte físico para operar direito a sexta consciência, mas eles guardam a sétima consciência, que o sentido de movimento, sentido de identidade. Entao eles inevitavelmente vão passar por isso, vão passar por essas dificuldades se tudo que depender se memoria, memoria curta ou memoria longa começa a entrar em colapso, mas isso esta associado às consciências ate a sexta consciência, então a sétima, oitava consciência elas estão intacta, elas seguem então os renascimentos eles vão ocorrer usando tiverem que ocorrer, enato nos fazemos as mesmas praticas, da mesma forma assim.

Joacir de |Poa

Qual o verdadeiro significado de terra pura? Podemos chegar à terra Pura nessa existência?

A gente precisaria entender como as bolhas de realidade funcionam. Se a gente conseguir entender isso, o conceito de terra pura, a experiência de terá pura se torna possível. Se a gente conseguir entender como é que operamos junto com um conjunto de coisas que a gente considera real que a gente vê, com os sentidos todos como se fosse real e aquilo é uma bolha. Se a gente puder entender isso, na sequencia a gente vai conseguir entender que a realidade ela é Vajra, ela é não dual com a nossa própria mente. Então a realidade surge desse modo extraordinário, essa compreensão que a realidade, é uma realidade Vajra não dual com a própria mente, é à base de todas as terras puras. Entao esse é um elemento crucial, ele vai ser a base pra Terra Pura de qualquer deidade. O Prajnaparamita ele abre isso, então essa contemplação ela vai permitir esse reconhecimento.